

O Estado da Arte do Conhecimento Acadêmico Regional acerca das Etnias Sateré-Mawé e Hixkaryana, do Baixo Amazonas¹

FRAGATA, Gabriel Ferreira²

SANTOS, Rubielle Cavalcante dos³
Universidade Federal do Amazonas

Resumo

O estudo “O estado da arte do conhecimento acadêmico regional acerca das etnias Sateré-Mawé e Hixkaryana, do Baixo Amazonas” importou-se para a descrição do estado da arte (trabalhos de caráter bibliográfico que pretendem fazer discussões e mapear a produção acadêmica em determinado campo do conhecimento) das etnias Sateré-Mawé e Hixkaryana, a partir de produções que relacionassem o Baixo Amazonas em seus contextos. Nesse sentido, enfocaram-se estudos na área das Ciências Humanas e Sociais, os quais, projetamos, retrataram de forma crítica a realidade dos povos indígenas e mostraram caracterizações para se agregar saberes indígenas a conhecimentos referenciados no campus Parintins. A pesquisa almejou fazer levantamento bibliográfico considerando lugares de fala de autores que enfatizassem conteúdos relacionados a contextos étnicos. Conhecer sociedades indígenas, nesse sentido, mostrou-se fundamental para a compreensão e valorização da pesquisa. O estudo inscreveu-se dentro de um esforço coletivo de pesquisa, que pretende contribuir para compreensão da realidade vivida pelos índios do Baixo Amazonas, especificamente os Hixkaryana e os Sateré-Mawé, povos que de grande valor no âmbito da sociodiversidade do Baixo Amazonas. Espera-se contribuir para que outras sociedades conheçam como vivem hoje indígenas na Amazônia e, partir disso, fomentar visão crítica acerca da causa abordada.

Palavras-chave: Estado da arte; Hixkaryana; Sateré-Mawé; Baixo Amazonas.

Abstract

The study "THE state of the art of the regional academic knowledge concerning the etnias Sateré-Mawé and Hixkaryana, of Low Amazon" aims at to describe the state of the art (works of bibliographical character that you/they intend to do discussions and to map the academic production in certain field of the knowledge) of the etnias Sateré-Mawé and Hixkaryana. He/she intends to focus, above all, studies in the area of the Humanities and Social, which portray in a critical way the reality of the indigenous people and show characterizations to join know indigenous to knowledge referenciados in the campus Parintins. The research longs for to do bibliographical rising considering places of authors' speech to emphasize contents related to ethnic contexts. To know indigenous societies, in that sense, it was shown fundamental for the understanding and valorization of the research. The study enrolls inside of a collective effort of research, that it intends to contribute for understanding of the reality lived by the Indians from Low Amazon, specifically Hixkaryana and Sateré-Mawé, people that of great value in the extent of the sociodiversidade of Low Amazon. He/she hopes to contribute for other societies to know how they live today indigenous in the Amazonian and, to leave of that, to foment critical vision concerning the approached cause.

Keywords: State of the art; Hixkaryana; Sateré-Mawé; Low Amazon.

¹ Relatório Parcial Pib-Sa/0148/2014.

² Cursando Bacharelado em Comunicação Social / Jornalismo, Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia - Universidade Federal do Amazonas.

³ Cursando Bacharelado em Comunicação Social / Jornalismo, Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia - Universidade Federal do Amazonas.

Introdução

O Brasil tem 608 terras indígenas (TIs) demarcadas, perfazendo 109 milhões de hectares, o que equivale a 13% do território nacional. Desse volume, 98% das TIs estão localizadas na Amazônia Legal. A população indígena cresceu 12% no comparativo de 2010 com o ano 2000, atingindo aproximadamente 897 mil pessoas, com 42% do total vivendo fora de aldeias.

Apesar da expressividade quantitativa, autodeclarar-se índio no país sempre foi desafio. A elite socioeconômica, do agronegócio e da área energética, sem contar empresas mineradoras, pecuaristas e toda a sorte de grandes negociantes, faz valer o poderio financeiro e ocupam áreas tradicionais justificando a ação pela suposta necessidade de uso dos recursos naturais dos ambientes (GARFIELD, 2009; IANNI, 2000).

A partir desse cenário, tem-se formado tensa relação entre Estado e populações étnicas no Brasil. São conflitos de longa data, gerando déficits em diferentes sentidos, físicos e mentais. Um desses aspectos se relaciona à migração aldeia-cidade, fixa ou transitória. Trata-se de trajeto que o indígena percorre entre seu território primordial até a urbe e vice-versa, travando experiências urbanas e passando por dinâmicas constantes de desterritorialização e reterritorialização.

De todos os modos e em amplos aspectos, o Estado brasileiro interrompe a pessoa indígena. Concomitante a isso, está o etnocentrismo imposto por sociedades não-tradicionais sobre populações ameríndias. Faz-se, portanto, importante divulgar a realidade desses povos, a qual tem sido pesquisada não apenas recentemente, mas no passado, para propiciar conhecimentos acerca do outro, desconstruindo preconceitos e concebendo olhares críticos aos contextos sociais dessas pessoas.

É importante considerar que é preciso iniciativas que contribuam para uma reciprocidade social aos povos indígenas, até então suprimida pelo Estado. Para os povos indígenas, está posto o desafio de se construir uma sociedade mais justa. Uma responsabilidade do homem branco, mas também de povos indígenas e de todos aqueles que para cá vieram e contribuem para a formação de um futuro com mais justiça social. Um compromisso ético e étnico (TERENA, 2000).

Proporcionar conhecimento dos contextos sociais indígenas, dos seus saberes, cultura e arte, é ratificar os indígenas na consciência da sociedade brasileira, dado que estes são

realmente cidadãos com direitos e deveres previstos em Constituição e não apenas personagens de um imaginário social etnocêntrico e discriminador. Conhecer as sociedades indígenas é fundamental para a sua compreensão e valorização.

Outrossim, a pesquisa busca inserir-se no contexto dos levantamentos de publicações a respeito das etnias. O estudo inscreve-se dentro de um esforço coletivo de pesquisa, que pretende contribuir para compreensão da realidade vivida pelos índios do Baixo Amazonas, especificamente os Hixkaryana e os Sateré-Mawé.

Importa destacar que o trabalho de levantamento sobre o que já foi feito a respeito desses indígenas tendeu a buscar maior conhecimento sobre eles, além de fomentar a agregação de informações ao campus Parintins.

O presente projeto foi iniciativa que almejou, via levantamento do estado da arte acerca das etnias, proporcionar conhecimento concreto em relação a indígenas do Baixo Amazonas, a leste de Manaus, com o propósito de fazer as sociedades ameríndias serem melhor vislumbradas no âmbito popular e acadêmico.

Isso poderá ajudar na facilitação de entendimentos em relação aos indígenas em diversos aspectos. Além do mais, a pesquisa científica básica é condição para o desenvolvimento humano, pois é a partir dela que se propiciam estudos aplicados.

Também se tende a justificar o problema suposto dado que as culturas indígenas constituem-se para a humanidade, hoje, em patrimônio, no sentido de apresentarem visão não hegemônica acerca do pensamento de exploração de um meio que é, ao mesmo tempo, social e natural.

Os povos Hixkaryana e Sateré-Mawé, presentes no Baixo Amazonas/AM-PA, representam diversidade que precisa ser conhecida por outras sociedades, o que ajudaria no incentivo ao conhecimento sobre natureza e seus estados, sobre a sociocultura amazônica e em relação à própria pessoa urbana e ribeirinha (CARNEIRO DA CUNHA, 1994).

Partindo dessa marcação do problema, assumiu-se levantamento bibliográfico para descrever em que medida se encontra o estado da arte das etnias, segundo autores diversos, enfocando sobretudo estudos na área das Ciências Humanas e Sociais, os quais retratem de forma crítica a realidade dos povos indígenas.

Contextos históricos do problema

Os índios são os habitantes nativos da Amazônia. Com o processo de invasão de suas

terras, diversos problemas socioambientais foram observados, tais como desmatamento, degradação florestal, biopirataria, queimadas, agronegócio e pecuária, além de desmantelo sobre conhecimentos tradicionais.

No processo histórico de tomadas de terras, índios enfrentaram a ação de missionários jesuítas e de demais congregações, que os forçavam à conversão na prática da fé judaico-cristã. Entretanto, a ação jesuíta não visava somente catequizá-los, e sim usar a mão de obra indígena para a produção de riquezas.

Além de tecnologias bélicas avançadas, colonizadores trouxeram doenças contra as quais indígenas não possuíam resistência, como gripe, sarampo, tuberculose e outras enfermidades que rapidamente se alastraram, dizimando aldeias inteiras (GONDIM, 2007).

Em consequência disso, populações tradicionais começaram a se organizar e desenvolver estratégias de resistência. Essa jornada de contraposição ao colonialismo resultou, a partir dos séculos XVII e XVIII, no fato de que jesuítas e outras congregações religiosas deixaram testemunhos de crenças, atitudes, valores e ideologias (SANTOS, 2002).

Esses grupos dominantes como missionários e militares que viam na prática econômica e política a obtenção de poder para controlar e disciplinar os indígenas, apostavam na posse de suas terras e no processo de colonização através da catequização. Para pacificar e estabelecer uma educação a qual os índios não estavam adaptados. E isso lhes trouxe grande poderio perante esses povos. Embora essas práticas tenham causado inúmeros transtornos físicos, mentais e dissipação da sociocultura ameríndia.

Conflitos tanto internos como externos passaram a fazer parte do cotidiano das populações. Segundo Monteiro (2001), a política indigenista na Amazônia foi marcada por duas visões antagônicas: a tributária, que defendia e valorizava antecedentes da nação, afirmando que a identidade carecia de um passado histórico; e a visão evolucionista, que defendia guerras ofensivas contra os povos degenerados e primitivos.

No tocante ao embate religioso entre colonizadores e tradicionais, a resistência à prática da fé judaico-cristã gerou enfrentamentos e ainda hoje indígenas sofrem com o contexto passado, em que a colonização agiu no sentido de dominar terras e reposicionar culturas.

Durante o processo de colonização, consideraram-se os povos indígenas como bárbaros, não civilizados. Sampaio e Erthal (2006), sobre o tema, indicam que

Somente com a chegada de franciscanos e jesuítas em meados da década de 1940, começou a evangelização metódica do Alto Amazonas. Não devemos esquecer, todavia, que em períodos anteriores, houve propostas de catequizar os povos que compunham o mosaico sociocultural daquela região. O fato de não se terem concretizado naqueles períodos, não diminuiu sua importância (ID., *op. cit.*, p. 89).

De acordo com a orientação para a constituição de crenças, atitudes, valores e ideologias, Lima (1995) sugere que a política indigenista que previu pacificação e proteção dos nativos na Amazônia confundiu-se com a política da catequese e conversão. Ambas igualmente opressoras, fizeram parte de uma ação norteadora que, menos leiga que religiosa, queria a incorporação do índio como trabalhador nacional e tinha na escola instrumento privilegiado a funcionar como gerador de ressignificações.

As enfermidades dos nativos eram entendidas pelos missionários como punição divina e serviam para purificar as almas dos indígenas, forçando-os a não falhar mais com Deus. Essa construção de pecado e culpa se deu em razão de uma recusa bélica dos colonizadores em prestar-se como aliados da nova civilização. Era mais fácil usar a violência.

Eles notaram na Amazônia populações altamente hierarquizadas, com agricultura variada, que produziam as próprias ferramentas, os artefatos e as cerâmicas doméstica e de caça, tendo seus rituais e ideologias. Com o tempo, a situação foi mudando e o que se construiu e pensou para o bem-viver em meio à natureza acabou sendo aniquilado em face a guerras e insurreições.

A linguagem indígena sofreu alta fragmentação. Para Souza (2009, p. 43), “quando essas comunidades perderam territórios e formas de viver, seus idiomas começam a morrer e, quando uma língua perde seus falantes ela morre”. O desaparecimento de línguas foi uma grande perda para a história ameríndia porque se fragmentaram saberes relacionados a meios de subsistência, cosmologia, parentesco e formação de pessoa, com seus simbolismo essenciais, e que faziam parte de um contexto histórico.

Os povos indígenas tinham relações simbióticas com a natureza. Eles domesticaram o cultivo de víveres comercializados até hoje – como macaxeira, tomate, batata-doce, milho, amendoim, pimenta, chocolate, abacaxi, baunilha e mamão. A contribuição fez com que grande variedade de frutas e legumes fosse inserida como parte da culinária da Amazônia. Além da parte gastronômica, outro segmento que muito observou contribuições da cultura indígena foi a indústria farmacêutica (SOUZA, 2009).

Dois povos que auxiliaram na construção de saberes constituídos no Baixo

Amazonas de atualmente foram os Hixkaryana e os Sateré-Mawé. Ambas as etnias são referências no âmbito do Baixo Amazonas, território na extrema do Estado do Amazonas com o Pará.

A população indígena Hixkaryana fica localizada nas margens do rio Nhamundá, na divisa entre os Estado de Amazonas e Pará, nos municípios de Faro, Oriximiná e Nhamundá. A etnia reúne um conjunto de povos que falam variações dialetais da família linguística Parukoto-Charumã, tronco Carib, além de coabitarem a mesma região – a bacia do Mapuera, no médio e alto território do município Nhamundá, nas cabeceiras dos rios Jatapú e Trombetas.

A etnia apresenta semelhança básica no modo de vida atual e mantém constante relacionamento entre si, inclusive na forma de intercassamentos (RICARDO, 1983). A TI Nhamundá-Mapuera, dos Hixkaryana, fica na extrema do território amazonense com o Pará. Dez aldeias estão localizadas no rio Nhamundá e duas no rio Jatapu, compondo a TI do lado amazonense, com 950 habitantes indígenas. Outras duas aldeias se situam no Pará, na extensão do rio Nhamundá, com cerca de 200 habitantes (RODRIGUES, 2013).

O primeiro Grupo de Trabalho (GT) para estudo e delimitação dessa terra indígena foi formado em 1976, no bojo do projeto Funai/Radam, o qual delimitou, na época, área de 950.000 hectares. Um segundo GT foi criado pela Portaria 920, de 12 de janeiro de 1981, com a finalidade de completar dados da equipe anterior da Fundação Nacional do Índio (Funai).

Há diversas famílias Hixkaryanas que vivem com outras etnias, morando temporariamente nas cidades de Parintins, Nhamundá e Manaus. De acordo com Meira (2006), esse povo indígena chegou ao Brasil advindo da Guiana Inglesa e está situado hoje numa área que compreende os Estados de Roraima, Amazonas e Pará.

O modo de vida tradicional do povo Hixkaryana tem padrão de aldeias e se constitui segundo envolvimento em uma grande e bem trabalhada casa comunal, destinada a preparo de alimentos, fabricação de artesanatos produzidos pelos próprios índios e recepção de visitantes que chegavam de outras aldeias. A casa comunal se mantém por duração média de cerca de quatro a seis anos e abriga entre 30 e 50 pessoas.

As aldeias dos Hixkaryana geralmente ficam situadas próximas a rios ou igarapés. Nos dias de hoje, boa parte das famílias da etnia mora em casas separadas, embora muitas mantenham estruturas das antigas casas tradicionais: cobertas de palhas e sem divisões.

A organização social da etnia tem regras baseadas em atividades referentes a

residências matrilocais, dentro de uma norma que diz que o casal deve morar na casa dos pais da noiva ou próximo a residência dela. A questão da filiação tem uma regra bilateral, onde as questões como a descendência e a transmissão dos saberes e deveres são dadas tanto pela família paterna quanto pela materna.

Não existe ali, de fato, um cacique ou alguém que comande verticalmente, por hierarquia de mando, o povo como um todo, embora há aqueles que possuem liderança específica por terem grande quantidade de roça, por ter perto os genros e a família unida. Essa pessoa tem a função não só de liderança sociopolítica, mas também espiritual, como xamã.

No século XIX e início do século XX, esses grupos indígenas da região limitavam-se a ocupar cabeceiras de rios, geralmente lugares de difícil acesso e com percursos de acesso por pequenos igarapés, cachoeiras e no interior da mata, para fugir estrategicamente de ataques ou presenças indesejáveis.

E se no passado a questão era a ocupação de terras por conta da colonização ou de ataques de outras etnias, atualmente a situação da territorialidade dos Hixkaryana tende a se problematizar em razão de processos de migração aldeia-cidade e tutela. Concernente ao último tema, para Rodrigues (2013, p. 47) “a população amazônica [de indígenas] tem convivido na história recente com a tutela política e econômica do Estado, sendo que grupos megainvestidores de capital privado estão influenciando nessa relação conturbada”.

No caso dos Sateré-Mawé, eles habitam a terra indígena Andirá-Marau, na parte baixa da divisa do Amazonas com o Pará. Ocupam também pequena área dentro da Terra Indígena Koatá-Laranjal, junto com o povo Munduruku. Esse grupo étnico ameríndio se fixou em áreas adjacentes aos rios Tapajós e Madeira, “delimitado ao norte pelas Ilhas Tupinambaranas (no rio Amazonas) e ao sul pelas cabeceiras do rio Tapajós” (TEIXEIRA, 2005, p. 87).

O primeiro nome, Sateré, significa “lagarta de fogo” e é referência ao clã mais importante dentre os que compõem tradicionalmente a linha sucessória dos chefes políticos da etnia”. O segundo nome, Mawé, quer dizer “papagaio inteligente e curioso” e não tem designação clânica (LORENZ, 1992”.

O tronco linguístico dos Sateré é o tupi. Os homens da etnia que mantêm contato com urbes do entorno são praticamente todos bilíngues, falam tanto o Sateré-Mawé quanto o português. A maioria das mulheres, devido atividades domésticas e de organização territorial em áreas não urbanas entende português e Sateré e se comunica mais em Sateré. A etnia é

considerada a inventora da cultura do guaraná porque transformou uma trepadeira silvestre em arbusto para cultivo. A domesticação da planta faz parte do processo de preparo do guaraná.

A produção de artesanato é uma das matérias-primas que os ajuda no seu meio de subsistência, sendo seus teçumes considerados artefato de grande expressão cultural. Esses teçumes são confeccionados por homens, principalmente na modalidade de cestos, abanos, tipitis, peneiras, bolsas, chapéus, cocares e tapumes para uso em cobertura de casa por moldes do tipo palha-tecida.

A base da alimentação é a farinha, comercializada em escala razoável para as cidades vizinhas de Maués, Barreirinha, Parintins, Faro e Nhamundá. O plantio, naturalmente, também se direciona a consumo próprio, assim como ocorre em culturas de jerimum, batata doce, carás branco e roxo e laranja. Fazem ainda uso de breus, cipós e vários tipos de palha, as quais são comercializadas em centros urbanos, na maioria.

Os Sateré-Mawé vivem em sítios onde cada família da aldeia possui a própria residência, onde é feito o fogo que serve para a preparação da alimentação, assim como serve para aquecer e reunir moradores. A cozinha é construída entre a casa e o rio, o que facilita o trabalho dos homens para torrarem guaraná e das mulheres para o preparo da mandioca.

É nos sítios que fica armazenada a colheita das plantações, onde cada família é proprietária do seu quinhão. Exemplos dessas plantações são guaranazais, mandiocais, jerimum, cará, batata doce e outros tubérculos, bem como pomares. Toda aldeia Sateré possui um tuxaua, que é autoridade para solucionar conflitos internos, realizar reuniões, marcar dias das festas e rituais.

Ao tuxaua cabe a função de hospedar pessoas que visitam a aldeia, oferecendo-lhes çapó – guaraná em bastão ralado na água. Segundo Lorenz (2005), a autoridade política do tuxaua transcende limites da aldeia, estendendo-se, conforme seu desempenho, como chefe de aldeia e de acordo com relações com demais tuxauas e, sobretudo, com o tuxaua

Os Sateré-Mawé têm vontade de manter a própria identidade tribal, mas sem uma solidariedade e apoio prático de alguém que possa valorizar sua cultura e ajudá-los a enfrentar o perigo do mundo contemporâneo que tenta invadi-los, isso vai ser difícil. O fatalismo tribal, divergências e manipulações externas entre as lideranças indígenas dos Sateré-Mawé, o alcoolismo, a dependência e violência dos “brancos” são os maiores perigos atuais para o enfraquecimento de sua etnia (UGGÉ, 1994, p. 09).

Os índios da etnia têm costumes que ajudam a fortalecer a identidade desses povos, como o ritual da Tucandeira, um rito de passagem dos meninos para a fase adulta. Uma das manifestações mais conhecida da cultura Sateré-Mawé e que está incorporada na vida social dos referidos ameríndios. Tucandeiras são formigas grandes, que possuem sua calda um ferrão que injeta ácido fórmico na presa. A ferroada é dolorosa e fica bastante inchado o local atingido (UGGÉ, 1994).

Partindo do descrito, e considerando que migração e tutelagem infligiram entraves às etnias, concorrendo inclusive para situações de desamparo e apartação social, o projeto de pesquisa pretendeu fazer levantamento acerca do estado da arte sobre os Hixkaryana e Sateré-Mawé do Baixo Amazonas.

Almejou-se abordar questionamentos tais como i) o que se ponderou nos últimos anos sobre as etnias? ii) quais investigações, em termos de pesquisa, foram emitidas? iii) e o que hoje se pensa sobre esses povos, considerando sua situação histórica? Essas foram problemáticas almejadas ao longo deste projeto de iniciação científica.

O estado da arte

Ao propor uma intitulação para um trabalho de pesquisa como “estado da arte”, não se tende a deixar de considerar imprecisões acerca da temática, pois é um conceito formulado em academias norte-americanas e inglesas (*state of the art*) e que depois veio a ser adotado parcialmente, e não sem ressalvas, em parte das produções científicas brasileiras. Por isso, é necessário optar e estabelecer delimitações de maneira objetiva.

Para Ferreira (2002, p. 258), estado da arte significa um estudo construído acerca de trabalhos realizados, a partir dos quais se nota a produção significativa de conhecimento. A denominação “*estado da arte*” se difundiu para definir trabalhos de caráter bibliográfico que pretendem fazer discussões e mapear a produção acadêmica em determinado campo do conhecimento.

O estado da arte configura-se por pretender expor aspectos relevantes e dimensões de destaque em tal campo em determinado período e lugar. As metodologias mais empregadas, os enfoques privilegiados, são descritos na tarefa, assim como aquilo que é deixado de lado, ou seja, as lacunas e ausências no estado de produção do campo de conhecimento em questão.

O estado da arte tende a ser associado a um tipo de trabalho que leva em conta metodologias de caráter inventariante e que descrevem as produções acadêmica e científica

sobre o tema que pretendem investigar.

Segundo Soares (1987, p. 34),

Essa compreensão do estado de conhecimento sobre um tema, em determinado momento, é necessário no processo de evolução da ciência, afim de que se ordene periodicamente o conjunto de informações e resultados já obtidos, ordenação que permitia indicação das possibilidades de integração de diferentes perspectivas, aparentemente autônomas, a identificação de duplicações ou contradições, e a determinação de lacunas e vieses.

O trabalho intelectual que levou a determinado projeto é o que merece ser chamado de estado da arte. Também pode ser denominado como expressão que analisa o estágio atual do nível das pesquisas científicas e do conhecimento acerca de determinada temática, onde a mesma é desenvolvida por pesquisadores para dada área de estudo.

A expressão também é entendida como parte principal de trabalhos científicos, pois tem condução relacionada à metaincursões substanciadas. O estado da arte auxilia na melhoria e desenvolvimento de novos trabalhos, conceitos e paradigmas. Investigadores do estado da arte são pesquisadores que estudam possibilidades de se criar produções, observando tendências, ênfases, escolhas metodológicas e teóricas (FERREIRA, 2002).

Mediante levantamento do estado da arte são mostradas diferenças e possibilidades de trabalhos uns com os outros, principalmente na escrita de determinada área do conhecimento. É nesse processo que se pretende buscar respostas do contexto em que se irá desenvolver o estudo.

A busca para se conhecer o já construído é desafio para pesquisadores que, sustentados e movidos por novas descobertas, encontram maneiras de construir trabalhos sobre o que ainda não foi produzido na temática. Dedicam-se cada vez mais atenção a um número considerável de pesquisas realizadas para temas de difícil acesso, tendo em vista dar conta de determinado saber que se avoluma cada vez mais rapidamente.

Estudos sobre estado da arte são de levantamento e avaliação do conhecimento. O diferencial dessas pesquisas são os elementos novos atribuídos, a partir dos quais o estudo é pensado com profundidade e normalmente são exploradas questões pouco citadas em trabalhos anteriores. Dificuldades e limites das propostas são as tentativas de realizar um trabalho que se defronte com dificuldades que muitas vezes limitam seu alcance, sem diminuir, entretanto, seu interesse.

Isso se relaciona à própria definição do objeto que será trabalhado, o que se traduz muito bem na diversidade do vocabulário e maneira que será desenvolvida a pesquisa (CHOPPIN, 1937). Levantamentos sistematizados para se montar o estado da arte são uma apresentação detalhada de métodos concebidos e utilizados por diversos autores, bem como suas limitações e implicações futuras para pesquisa.

A análise de conteúdo das pesquisas científicas é marcada por duas grandes tendências: a primeira, por muito tempo privilegiado pelos pesquisadores e que continua ainda na atualidade, refere-se à crítica ideológica e cultural do volume acerca do referido saber; a segunda, mais recente, considerada desde o final dos anos 1970, analisa o conteúdo segundo perspectiva epistemológica ou propriamente didática.

A pesquisa tem como fontes básicas de referência para a realização do trabalho e do levantamento de dados análises principalmente ancoradas em catálogos impressos ou eletrônicos produzidos a partir de universidades, institutos, associações nacionais e órgãos de fomento da pesquisa ou agências de fomento. Os conceitos e maneiras de elaboração se relacionam com a produção científica.

Fazer levantamento bibliográfico, em nosso caso, de estudos referentes a povos indígenas Hixkaryana e Sateré-Mawé, buscando registrar e arquivar conhecimentos relacionados a essas etnias do Baixo Amazonas requer análise crítica do que já foi escrito, enfocando estudos na área das Ciências Humanas e Sociais.

A partir do suposto, e com objetivo de agregar saberes indígenas às universidades e à própria população, fomentando a formação do pensamento crítico reflexivo da sociedade sobre os povos ameríndios, levar-se-á em consideração a formação acadêmica de autores, linhas teóricas e a leitura dos conteúdos bibliográficos encontrados sobre o contexto indígena, para que o entendimento sobre as etnias seja aprofundado e mostrado segundo representações e caracterização feitas.

Trabalhos sobre estado da arte, ainda, tendem a realizar análises de como está o estágio de desenvolvimento da produção científica e acadêmica em diversos campos da educação, na tentativa de se identificar processos interpretativos acerca do que se constituem as temáticas. São trabalhos que contribuem para a constituição de diversos campos teóricos de uma área de conhecimento e procuram identificar fatores significativos da construção e prática realizadas sobre essas pesquisas.

Sá Barreto e Pahim Pinto (2001), André (2002) e Haddad (2002) supõem que o

estado da arte procura compreender o conhecimento elaborado, acumulado e sistematizado sobre determinado tema, num período temporal que, além de resgatar, condensa a produção acadêmica numa área de conhecimento específica.

Esses estudos permitem, num recorte temporal definido, sistematizar e reconhecer os principais resultados de investigações e abordagens dominantes e emergentes (HADDAD 2002).

Essas pesquisas de caráter bibliográfico sistematizam a forma e as condições de produção desses conhecimentos nas teses de doutoramento e dissertações de mestrado, em publicações, em comunicações, em anais de congressos e seminários, resgatando concepções no meio de outras não indexadas, numa espécie de exumação cultural. Portanto, o “Estado da Arte” ou “do Conhecimento” caracteriza-se como um levantamento bibliográfico, sistemático, analítico e crítico da produção acadêmica sobre determinado tema (TEIXEIRA, 2006, p. 128).

Cada vez mais, informações sobre diversas áreas de conhecimento e a necessidade de divulgá-las, além da contribuição que trazem a outros trabalhos, fazem dessa atividade de investigação grande contribuidora para a organização de coletas de dados.

Sobre a construção da pessoa indígena

Construção de pessoa pressupõe construção de identidade. Ou seja, perpassa por um conceito que é demasiadamente complexo. Vamos a ele.

Identidade é aquilo que se é como, por exemplo, “sou brasileiro”, “sou homem”, “sou mulher”, “sou negro”. A identidade, assim concebida, parece ser uma positividade – aquilo que sou – uma característica independente, um fato autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente.

Para Hall (1992), a identidade deve ser discutida na esfera da teoria social. Trata-se de um conceito que por tanto tempo estabilizou o mundo social e hoje está em modificação. Surgem novas concepções de identidade, as quais fragmentam o indivíduo moderno, antes visto como sujeito unificado.

O homem da sociedade moderna era possuidor de um lugar bem determinado socialmente e culturalmente. No entanto, mudanças estruturais estão trazendo questionamentos quanto a identidades culturais de classe, raça, nacionalidade, sexo e etnia. Isso faz com que a ancoragem estável dos indivíduos no mundo social esteja abalada (FERNANDES, 2007, p. 01).

A visão acerca da pessoa no período do Iluminismo, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, enfatizava a identidade como sendo formada a partir da interação entre o eu e a sociedade. Mas toda identidade construída se modifica num diálogo contínuo com os mundos socioculturais exteriores e as identidades que esses mundos podiam oferecer (HALL, 1990).

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu" (p. 52-53).

A identidade é algo que se constrói ao longo do tempo. O processo é determinado mediante situações que passam a consciência e não é algo que nasce com o indivíduo. Outro fato a ser pontuado sobre identidade é a globalização. Tratada por Hall como provocadora de coincidências que normatizam identidades nacionais e por diversas particularidades referentes à assimilação cultural.

A identidade é totalidade, e uma de suas características é a multiplicidade. Os papéis sociais são impostos ao indivíduo, desde o seu nascimento e assumidos pelo mesmo na medida em que se comporta de acordo com a expectativa da sociedade. Por exemplo: na presença do filho, o homem se relaciona como pai; na presença de seu pai, comporta-se como filho. Se for também professor do filho, o pai será pai/professor e aquele será filho/aluno. O papel de pai, bem como o de filho, materializa a identidade como totalidade/parcialidade, pois sendo expressão de uma parte, não revela a identidade por inteiro. A cada personagem materializado, a identidade tem assegurada sua manifestação enquanto totalidade, mas uma totalidade que não se esgota nem tampouco se resume a concretização de personagens. As personagens são partes constitutivas da identidade e, ao mesmo tempo, configura-se como um todo que se cria a si mesmo, enquanto fenômeno de uma totalidade concreta. A identidade é ainda um universo de personagens já existentes e de outros ainda possíveis (LAURENTI, 2000, p. 89).

É questionável afirmar que identidades nacionais estão homogeneizadas na atualidade. O argumento inclui a tendência da homogeneização global e a fascinação com a diferença da mercantilização da etnia e da alteridade (HALL, 2002).

A psicologia tende a definir identidade como sistema de representações que permite a construção do "eu"; que permite ao indivíduo tornar-se semelhante a si mesmo e diferente dos outros. A carteira de identidade é exemplo prático do exposto.

Tal documento é a representação oficial do indivíduo como cidadão. Ele é uma representação, entre várias, de nossa identidade social. Para a Psicologia Social, a identidade social é o que caracteriza cada indivíduo como pessoa e define o comportamento humano influenciado socialmente. Nesse sentido, a identidade social é o conjunto de papéis desempenhados pelo sujeito per si. Papéis que, além de atenderem a determinadas funções e relações sociais, têm profunda representação psicológica por se referirem sempre às expectativas da sociedade (SILVA, 2006).

No campo da psicologia social, tende-se a definir que a personalidade, a história de vida de cada um, é influenciada pelo meio, pelos papéis que o indivíduo assume socialmente. Nesse sentido, a identidade é construída para permitir a manutenção de relações sociais (SILVA e SILVA, 2006). Da Matta (2006) pondera que uma pessoa cria sua identidade ao se posicionar diante das instituições e ao responder às situações sociais mais importantes da sociedade.

Zarur (2003) e Scott (2003) defendem que trabalhos desenvolvidos em relação a conceitos de identidade são importantes para a compreensão do mundo globalizado, onde o enfraquecimento dos Estados tem gerado fragmentação de identidades nacionais e ressurgimento de fortes identidades de gênero e étnica.

Silva (2006) e Silva (2006) afirmam que identidade e memória estão ligadas, pois se não recordarmos o passado não é possível saber quem somos. E essa identidade surge quando lembramos uma série de acontecimentos da nossa vida. Isso serve tanto para indivíduos quanto para os grupos sociais. Woodward (2004) corrobora com a perspectiva e pontua que identidade é uma construção de relação, ou seja, condiciona uma existência à existência de outrem.

Escosteguy (2001) infere que a temática central dos estudos culturais surge da construção das identidades no novo milênio. Por diversos fatores, indivíduos se defrontam com a necessidade de saber quem realmente são, entretanto respostas que se costumam dar não asseguram de fato posições convincentes (JAQUES, 1998).

Antônio da Costa (2001) sublinha que a diferença é uma noção de identidade. São nossas ações que irão nos caracterizar, como por exemplo: quem desobedece é desobediente; quem trabalha é trabalhador, e assim por diante. As identidades, portanto, são a representação de “estar-sendo”.

A identidade desperta interesse na medida em que a partir de estudos na área se busca entender comportamentos. Questões e conceitos são associados à identidade, historicamente.

Um dos termos empregado para significar o que hoje se entende por identidade, por exemplo, foi a questão da personalidade (LAURENTI, 2000).

Metodologia

O levantamento bibliográfico tende a descrever a partir de quais significações são caracterizados os povos indígenas Hixkaryana e Sateré-Mawé e em que medida são compreendidos seus contextos sociais e culturais, considerando-se o estado da arte de forma crítica.

Os sistemas multiétnicos determinam os sistemas sociais: à lógica interna que os anima acrescentam uma lógica externa que os coloca em relação com outros sistemas. Mas, do mesmo modo que o totemismo não dissolve as espécies vivas, tampouco o sistema multiétnico dissolve as sociedades tradicionais. No nosso mundo atual, ele é, pelo contrário, sua condição de sobrevivência (CARNEIRO DA CUNHA, 1994, p. 48-49).

As bibliografias sobre os Hixkaryana e Sateré-Mawé são referências para o plano de avaliação que dará base à análise de conteúdo manual. A técnica objetiva aproveitar dados brutos contidos em uma comunicação, identificando padrões via categorias conceituais ou classes contextuais, com contagem de unidades de contexto elementar (UCEs) (MOSCOVICI e PÉREZ, 1999). Uma UCE é definida segundo tamanho do texto, número de palavras e sentido da oração.

Procedimentos de coleta

Levamos em consideração a formação acadêmica dos autores e leituras de conteúdos bibliográficos relacionados ao contexto indígena para o entendimento mais aprofundado sobre a representação e caracterização feitas.

Procedimentos de análise

Primeiramente, foram feitas leituras de bibliografias coletadas para construção do projeto na busca da compreensão de como os autores caracterizam os povos indígena Hixkaryana e Sateré Mawé. Na segunda etapa, extrairemos das bibliografias coletadas as análises inferenciais que seus autores fazem dos contextos sociais, dos seus saberes e da cultura Hixkaryana e Sateré-Mawé.

Resultados e Discussão

A discussão sobre o estado da arte relacionado ao conhecimento direcionado aos povos indígenas Hixkaryana perpassa por estudos de datas passadas, hoje considerados clássicos, e estudos mais recentes. Começa-se, a partir do suposto, buscando inflexão acerca de uma obra de natureza essencial, dado ter sido escrita quando praticamente nada em registro escrito sobre a etnia estava a disposição do grande público. Três obras seminais relacionadas aos Hixkaryana foram revisadas.

A primeira, intitulada *Textos hixkaryana*, de Desmond Derbyshire, almeja descrever saberes e fazeres desse povo étnico, em função de costumes compartilhados. O escrito se pauta em etnografias sobre usos e hábitos dos Hixkaryana. É muito importante porque é datado do início do século passado e infere comportamentos desse povo àquela época, em que a Revolução Industrial e seus ideários estavam em latência na Amazônia.

Publicada a partir de editoração do Museu Paraense Emilio Goeldi, em ampla medida expôs a dimensão da abrangência que a TI Indígena Koatá-Laranjal, da etnia, suporta em termos de terra onde se dá a luta por reconhecimento, dadas as disputas que ocorreram na fronteira do Amazonas com o Pará.

Em seguida, tomou-se o documento *Performatives in Hixkaryana discourse*, do mesmo autor, datado de 1974, portanto uma década após a primeira publicação de Derbyshire, aborda um rompimento na identidade espiritual dos povos Hixkaryana – habitantes de fronteira interestadual amazônica e que naturalmente evocam cultos ao xamanismo e possuem cosmologia apropriadas para fomento de saberes e fazeres culturais.

Devido ao viés social implicado no texto, impregnado de uma ideia de socialização e ampliação de espaço territorial dos Hixkaryana e com isso suposta ampliação do domínio sociocultural das coisas e das etnias do entorno, acabou mostrando, de maneira efetiva, que essa vontade em potencial da etnia provocou efeitos controversos do esperado, gerando mudanças na comunalidade deles, e assim amenizando funcionalidades do elo místico e do segmento espiritual da etnia.

Engendrou-se, no texto, possibilidades de compreensão acerca das reconstruções históricas referentes às características dos povos Hixkaryana, marcados por cultos a divindades não cristãs, respeito à linhagens parentais, comunalidade, consanguinidade e estrutura clânica. O texto aponta, ainda, vieses concernentes à questão identitária. Nele, há

prelúcios de que estímulos sociais próprios à Era da Modernidade Industrial já concorriam para desfiliações étnicas – ao menos no que tange à proposituras espirituais.

No trabalho de Cardoso de Oliveira, terceiro em análise dos Hixkaryana, que tem como título *Ação indigenista, eticidade e o diálogo interétnico*, há avaliação etnográfica da situação atual da educação escolar indígena no Brasil, a qual insere-se no debate das relações interétnicas Sateré-Mawé e Hixkaryana. A perspectiva de investigação aponta para a finalidade de expor problemas que incidem nesse meio sociocultural. A obra pretendeu discorrer ainda acerca do que segue.

De acordo com as implicações discutidas, questões apontadas em *Ação indigenista, eticidade e o diálogo interétnico* não representam aparentemente solução normativa que possa dar sustento para a possível explicitação de tópicos os quais são frequentemente ignorados no âmbito das discussões e desdobramentos teóricos e práticos na área.

Discorre-se acerca de linhagem dividida em duas partes no trabalho: a primeira situando abordagem sobre a temática da educação escolar indígena no debate das relações interétnicas abrangendo o espaço cultural dos povos, o desenvolvimento e a reestruturação inerente provocadora de fricções interculturais tanto entre os Sateré-Mawé quanto entre os Hixkaryana. Em seguida, o texto encerra explorações referentes à lugares ocupados pelas instituições escolares na Amazônia, mostrando dificuldades e agravamentos da situação em função de alteridades desprestigiadas, geradoras de conflitos. Estes, dificultam o processo educacional escolar de povos étnicos.

No tocante aos Sateré-Mawé, sete escritos foram considerados. Tomou-se a perspectiva dos contrastes entre os documentos, em razão da necessidade de se observar posições diferenciadas com relação a etnografias entre a etnia.

Primeiramente, tome-se o trabalho de Alba Figueroa, *Guerriers de l'écriture et Commerçants du Monde Enchanté: Histoire, Identité et Traitement du Mal chez les Sateré-Mawé (Amazonie Centrale, Brésil)*. Finalizada em 1997, como tese de doutoramento pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais/França, a autora compreende que práticas simbólicas, embora naturalmente modificadas, ao constituírem a identidade Sateré-Mawé, possuem gerência na transmissão de conhecimentos em termos globais.

O suposto equipara-se ao que escritos de Alvarez apresentam, em *Satereria*, obra muito difundida no meio acadêmico amazonense, em que questões relacionadas à estrutura formativa de pensamento são ponderadas na medida em que o autor perpassa por

problemática sociais da etnia.

Em similar contexto, mas com reflexões concernente à saúde mental, Ermelinda Salém José, em *Encontro com o povo Sateré-Mawé para um diálogo intercultural sobre a loucura*, tende a investigar dialogicamente experiências Sateré-Mawé da loucura; e, como objetivos específicos, conhecer explicações, classificações e respostas Sateré-Mawé para essas experiências; e identificar implicações do atendimento em serviços de saúde mental da tradição biomédica. Para um diálogo intercultural optou, a autora, pelo caminho da hermenêutica diatópica, através do desenvolvimento de argumentações com indígenas da etnia que exercem diferentes papéis sociais em territórios de aldeias.

No artigo *A prática construtiva de um Projeto Político-Pedagógico junto a índios Sateré-Mawé, na Amazônia Central*, Rodrigues *et al.* (2012) sublinham controvérsias relacionadas à implantação de um Projeto Político-Pedagógico (PPP) para estudantes da etnia Sateré-Mawé do leste amazonense, na Amazônia Central. Foi meta auxiliar na construção do PPP, no sentido de fomentar um projeto abrangente e que servisse às necessidades dos índios.

Promoveu-se estudo de campo enfocando o contexto social dos Sateré-Mawé, com aportes etnográficos e transcrição de resultados a partir de observação participante. Foi feita análise de elementos constitutivos da organização do projeto e decidiu-se coletivamente reforçar dentro da escola conceitos relacionados à cidadania, o que implicaria no futuro o fortalecimento de princípios da educação escolar indígena, tais como o bilinguismo e a interculturalidade.

Em *Saberes indígenas e ressignificação no processo identitário dos Sateré-Mawé/AM*, de Rodrigues *et tal.* (2014), discutem-se saberes tradicionais e o papel coletivo na produção da identidade étnica, tendo como referência o povo Sateré-Mawé. A metodologia empregada foi a pesquisa bibliográfica em produções que abordam a temática implicada em identidade cultural e cosmologia da etnia. O saber tradicional, também denominado etnoconhecimento ou saber local, diz respeito a conjuntos de conhecimentos construídos e reconstruídos no seio de dada população tradicional. Na etnia Sateré-Mawé, esses conhecimentos passam por processos de ressignificação, operando na reconstrução da identidade do grupo indígena.

No trabalho, foi intenção ponderar sobre ressignificações no processo identitário, partindo-se de inferências em relação à população étnica Sateré-Mawé, da Terra Indígena Andirá-Marau, na divisa dos Estados do Amazonas e Pará, Amazônia Brasileira. O estudo

objetivou explorar o papel de saberes tradicionais na produção da identidade dos índios. Considerou-se que a tradição ameríndia, ao considerar a reconstituição de identidades diferenciadas, pode ser entendida como construção humana e enquanto tal determina o ser e seus saberes. Ao estar em construção, firma-se como trabalho em progresso e consolida padrões que passam a reger pessoas e ambientes circundantes.

No contexto dos ambientes experimentados do entorno, o texto *Sofrimento mental de indígenas na Amazônia* (RODRIGUES, 2014) projeta como objetivo ressaltar tanto questões relacionadas a vieses socioculturais quanto a coisificação de desordens psíquicas, as quais parecem ser não tão enfocadas em dialogismos possíveis, o que concorre para a fragilização de diagnósticos direcionados a populações étnicas. A partir daí, foram pressupostas situações de desfiliação social, apagamento moral e rebaixamento da pessoa indígena, declaradas ou não, tendo em vista o cotidiano da migração dos ameríndios Sateré-Mawé e Hixkaryana do Baixo Amazonas.

Nascimento (2013), em *Narrativas Sateré-Mawé: oralidade e dramatização Manaus*, apresenta a produção de quatro textos teatralizados, baseados em narrativas orais Sateré-Mawé contidas no livro “As bonitas histórias Sateré-Mawé” de Henrique Uggé. Para a concretização da pesquisa, foi necessário estudar o texto oral a partir da performance da presença da voz humana, como parte constituinte do texto literário. De forma panorâmica, discorreu-se sobre a presença da etnia Sateré-Mawé no Baixo Amazonas, bem como a imagem que se fez do índio, no século XIX, até o próprio reconhecimento do índio ao inserir-se no contexto atual. Também se estudou as narrativas, dialogando com pensamentos literários, filosóficos e antropológicos para atribuir-lhe um caráter científico.

No artigo *Política Sateré-Mawé: do movimento social à política local*, Alvarez (2004) sugere que as políticas indígenas na região Norte do Brasil e especificamente a política implementada pelo grupo étnico Sateré-Mawé e suas demandas por uma cidadania diferenciada são, de fato, extremos relacionados à ideia de política partidária que se possui hoje. A cidadania imaginada pelas lideranças indígena, diferente da noção de ganho partidário, é concebida como um dever ser, que decorre da participação em diversas comunidades de comunicação. Em termos teóricos, esse processo é analisado como a passagem do plano da moral para a ética, entendida como sistema de regras que regem uma comunidade de comunicação mais ampla.

Em termos etnográficos, o estudo se apresenta como alternativa para a percepção de

planos extraterrenos concernentes à construção da pessoa étnica enquanto parte integrante de uma trama colaborativa universal. E supondo essa trama como rede de suporte para políticas indígenas, implicada em relações de afinidade ou consanguinidade, Alvarez (ID., *op. cit.*) se esforça para sublinhar formações identitárias próprias à etnia.

Considerações finais

Concluiu-se que os estudos relacionados à etnia Hixkaryana e Sateré-Mawé apresentaram-se de modo a considerar, sobretudo, a questão identitária do povos no âmbito de sua sociocultura, mostrando características pautadas em visão etnográfica. Entendeu-se que abordagens feitas nesses trabalhos tenderam a apontar fatores e ações sociais que inferem nas relações étnicas.

O estudo de iniciação científica apontou realidades vividas pelo povos Hixkaryana e Sateré-Mawé relativas à educação, a processos de ressignificação cultural e a etnoconhecimentos. Possibilitou-se, por meio da análise, acessar suportes referentes a políticas indígenas que possibilitaram a projeção de esclarecimentos acerca da própria questão identitária das etnias.

Esses esclarecimentos apontaram a existência de remodelamentos socioculturais, moldadas em função de mecanismos estabelecidos em dinâmicas relacionais pessoa-ambiente. As bases bibliográficas apontaram que a temática da cosmologia foi uma constante, assim como a questão da identidade. Ambas estiveram adornadas pela problemática dos saberes tradicionais dos povos.

Fatores interculturais e históricos foram impicantes no debate para questionar o meio sociocultural abordado em relação a identidade cultural das etnias e seguindo esse viés, o estudo contribui cientificamente para fomentar um dialogo a respeito da temática apresentada na pesquisa com a sociedade (SOARES, 1989; MEIRA e FRANCHETTO, 2005).

Acredita-se ter sido sugestivo que o estudo apresentado traz abordagens que dizem a respeito à questão sociocultural, e que é referente também ao meio étnico e se pode debatê-lo tendo em vista características de Sateré-Mawé e Hixkaryana, principalmente construção e reconstrução identitárias pautadas em similaridades de crenças e atitudes.

A pesquisa se importou em apresentar fatores que englobam análises etnográficas acerca da temática abordada, tendo em vista entender melhor questões relacionadas à engendramentos valorativos e ideológicos de povos do Baixo Amazonas, mesorregião a leste

do Estado do Amazonas, na divisa com o Pará.

Referências

ALVAREZ, Gabriel. Política Sateré-Mawé: do movimento social à política local. *Revista de Estudos e Pesquisas, FUNAI, Brasília*, v. 1, n. 2, p. 9-44, dez. 2004.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Ação indigenista, eticidade e o diálogo interétnico. *Estudos Avançados*, v. 14, n. 40, set/dez 2000, pp. 213-230.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Pontos de vista sobre a floresta amazônica: xamanismo e tradução. *Maná*, v. 4, nº 1, 1998, pp. 7-23.

CIAMPA, Antonio da Costa. *Psicologia Social*. 13. ed., São Paulo: Brasiliense, 2001.

DA MATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* ed. Rocco - Rio de Janeiro –1986.

DERBYSHIRE, Desmond. Textos hixkaryana. Publicações avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi no. 3. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 1965.

DERBYSHIRE, Desmond. *Performatives in Hixkaryana discourse*. Rio de Janeiro. Museu Nacional, 1974.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas ‘estado da arte’. In: *Revista Educação e Sociedade*, nº 79. Campinas: CEDES, 2002. p. 257-272. HADDAD, S. *Juventude e escolarização: uma análise da produção de conhecimentos*. Brasília, DF: MEC/ Inep/ Comped, 2002. (Estado do Conhecimento n. 8).

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

JACQUES, Maria de Graça Corrêa et al. *Psicologia Social e contemporânea*. Rio de Janeiro: vozes, 1998.

LAURENTI, Carolina, BARROS, Maria Nilza Ferrari. *Identidade: Questões conceituais e contextuais*, vol. 2, nº 1 – Universidade Estadual de Londrina -Pr, 2000.

LORENZ, Sônia da Silva. *Sateré-Mawé: os filhos do guaraná*. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 1992.

MEIRA, S.; FRANCHETTO, B. The southern Cariban languages and the Cariban family. *International Journal of American Linguistics*, v.71, nº 2, pp. 127-192. University of Chicago

Press, 2005.

NASCIMENTO, Dilce Pio. Narrativas Sateré-Mawé: oralidade e dramatização. Manaus, UEA, 175 f., 2013.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. Coordenador geral Carlos Alberto Ricardo, São Paulo: CEDI, 1983.

RODRIGUES, Renan Albuquerque; PAIVA, Igenes Tereza Paiva; CATALAO JUNIOR, Antônio Heriberto. A prática construtiva de um Projeto Político-Pedagógico junto a índios Sateré-Mawé, na Amazônia Central. Muitas Vozes, v. 1, p. 271-285, 2012.

RODRIGUES, Renan Albuquerque, RIBEIRO NETO, Aluisio da Silva, SILVA, Maria de Lourdes. Saberes indígenas e ressignificação no processo identitário dos Sateré-Mawé/AM. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 206-229, jul./dez., 2014.

RODRIGUES, Renan Albuquerque. Sofrimento mental de indígenas na Amazônia. Editora da Universidade Federal do Amazonas (Edua). Laboratório de Editoração Eletrônica do Amazonas (Leda). Universidade Federal do Amazonas, ISBN – 978-85-7401-732-7, 2014.

SÁ BARRETO, Elba Siqueira de; PAHIM PINTO, Regina. Avaliação da educação básica (1990– 1998) Brasília, DF: MEC/ Inep/ Comped, 2001. (Estado do Conhecimento n. 4).

SALÉM JOSÉ, Ermelinda. Encontro com o povo Sateré-Mawé para um diálogo intercultural sobre a loucura. Ribeirão Preto/SP, 2010. 213 p.: il.; 30cm. Tese de Doutorado apresentada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Psicologia. Orientadora: Caldana, Regina Helena Lima.

SANTOS, Francisco Jorge dos. Além da conquista: guerras e rebeliões indígenas na Amazônia pombalina. 2.ed. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2002.

SAMPAIO, Patrícia Melo; ERTHAL, Regina de carvalho (org). Rastros da memória: historias e trajetórias das populações indígenas na Amazônia. Manaus: EDUA, 2006.

GONDIM, Neide. A invenção da Amazônia. 2ª ed. Manaus: Valer, 2007.

SILVA, Kalina Vanderlei, SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de Conceitos Históricos. Ed. Contexto, São Paulo, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2004

SOARES, M. Alfabetização no Brasil – O Estado do conhecimento. Brasília: INEP/MEC, 1989.

TEIXEIRA, Pery. Sateré-Mawé: Retrato de um povo indígena. Organização e coordenação geral Pery Teixeira, Manaus, agosto de 2005.

TERENA, Marcos. In RATTNER, Henrique (org). Brasil no limiar do século XXI: alternativas para a construção de uma sociedade sustentável. São Paulo: Edusp, 2000.